

Estudo de Recepção no Ambiente Digital: Análise de Comentários em Canais no YouTube¹

Ana Beatriz Tuma²
Universidade de São Paulo - USP

RESUMO

Resultante de nossa tese de doutorado (Tuma, 2022), esta pesquisa debruça-se sobre a análise dos comentários dos internautas em cinco canais de diferentes áreas do conhecimento no YouTube, buscando identificar, de maneira mais específica, as intertextualidades (Koch; Bentes; Cavalcante, 2012; Koch, 2018a; Koch, 2018b) entre arte e ciência promovidas por eles ao assistirem às narrativas audiovisuais de divulgação científica. Para tanto, atualizamos a mimese III de Ricoeur (1994) para o ambiente digital. Dentre os resultados obtidos, identificamos que os intertextos localizados nas caixas de comentários dos vídeos analisados são de dois tipos: internos e externos aos vídeos.

PALAVRAS-CHAVE: intertextualidade; mimese III; narrativas audiovisuais; recepção; YouTube.

RESUMO EXPANDIDO

Em seu Tempo e Narrativa tomo 1, o filósofo francês Paul Ricoeur (1994) tem como intuito empregar a tríplice mimese em narrativas ficcionais e históricas escritas. Por isso, a recepção delas se dá pela leitura.

Todavia, ele afirma que a tríplice mimese pode ser aplicada a qualquer outra narrativa, que é o que fazemos em nossa tese (Tuma, 2022): nos detemos sobre as narrativas audiovisuais de divulgação científica nos canais do YouTube Universo Narrado, Arqueologia pelo Mundo, Canal do Pirulla, Dragões de Garagem e Colecionadores de Ossos e, portanto, os receptores dessas são os internautas que as assistem.

Ressaltamos que a referida tese está calcada em três momentos baseados na tríplice mimese inscrita em um círculo hermenêutico proposta por Ricoeur (1994), sendo eles: 1) o contexto em que as narrativas audiovisuais de divulgação científica surgem (mimese I); 2) essas narrativas em si (mimese II); e 3) a recepção dos internautas que as assistem e comentam sobre elas no YouTube (mimese III).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Metodologias interdisciplinares para análises em ambientes digitais, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Pesquisadora colaboradora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo (FAU/USP) e doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), e-mail: anabeatriztuma@gmail.com.

Este resumo expandido concentra-se em mimese III, apresentando, primeiro, como ela foi pensada originalmente pelo filósofo francês para, em seguida, explicarmos como a utilizamos em nossa pesquisa, atualizando-a para o ambiente digital.

A mimese III apenas possui envergadura no momento que a obra apresenta um mundo do qual o leitor apropria-se, um mundo cultural. No entanto, “[...] o texto, com efeito, comporta buracos, lacunas, zonas de indeterminação e até, como o *Ulisses*³ de Joyce, desafia a capacidade de o próprio leitor configurar por si mesmo a obra que o autor parece ter um prazer maligno em desfigurar [...]” (Ricoeur, 1994, p. 118, grifo do autor).

Portanto, o ato de ler não é passivo, no qual o leitor segue passo a passo a trilha elaborada pelo poeta, mas ativo, em que ele o desobedece e escolhe seguir atalhos e desvios não previstos na tessitura da intriga, a elaboração da narrativa. “[...] Em uma obra está também contida sua antiobra, e o processo de interpretação corresponde ao oscilante caminho tomado pelo receptor entre estes dois polos” (Carvalho; Sant’ana, 2013, p. 245).

De acordo com Villaverde (2003), o leitor precisa ter sensibilidade suficiente para desenvolver diante do texto uma tarefa que torne mais fácil a propensão deste de revelar um mundo, sendo capaz de descontextualizar-se em uma nova situação. Assim, ele traz ao presente, à sua situação atual e à sua consciência, uma mensagem surgida em outras circunstâncias, mas que pode ser aplicada às suas.

Além disso, o que um leitor recebe não é apenas o sentido da obra como também, por meio de seu sentido, sua referência, isto é, a experiência que ela faz chegar à linguagem e ao mundo e a sua temporalidade, que ela apresenta diante de si. Em última instância, o que é comunicado é o mundo que a obra projeta e que constitui seu horizonte:

[...] Nesse sentido, o ouvinte ou o leitor o recebem segundo sua própria capacidade de acolhimento que, também ela, define-se por uma situação ao mesmo tempo limitada e aberta a um horizonte de mundo. O termo horizonte e aquele, correlativo, de mundo aparecem assim duas vezes na definição sugerida [...] de *mimese* III: intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor [...]. (Ricoeur, 1994, p. 119, grifo do autor).

O mundo é ressignificado em sua dimensão temporal pela narrativa, uma vez que contar, recitar, é refazer a ação de acordo com o convite do poema. Dessa maneira, o que

³ É um romance do escritor irlandês James Joyce (1882-1941), publicado no início do século XX.

é ressignificado pela narrativa, anteriormente, foi pré-compreendido no nível do agir humano, mais precisamente em mimese I. “[...] O ser ‘no’ mundo segundo a narratividade é um ser no mundo já marcado pela prática da linguagem aferente a essa pré-compreensão [...]” (Ricoeur, 1994, p. 124, grifo do autor). É o tempo da ação, principalmente, que é refigurado pela configuração da ação na narrativa.

Posto isso, é chegado o momento de detalharmos a maneira com que aplicamos a mimese III nesta pesquisa. Como os internautas que assistem às narrativas audiovisuais de divulgação científica podem comentar ou responder a comentário(s) sobre elas na caixa de comentários localizada na parte inferior de cada uma delas no YouTube, aproveitamos este fato, fruto do processo de recepção no ambiente digital, para torná-lo o foco de nossa análise dos canais.

Para a coleta e análise dessas caixas de comentários, utilizamos o software *YouTube Data Tools*. Contudo, estamos cientes que nem tudo o que foi postado pelos internautas, provavelmente, está contido nelas em razão de, nas entrevistas que realizamos em mimese I, alguns cientistas youtubers dos referidos canais terem nos relatado, espontaneamente, que excluem e/ou filtram determinados tipos de comentários, por exemplo, os que possuem cunho misógino, xenofóbico, sexista e que contêm palavras de baixo calão contra eles e/ou as demais pessoas que comentam nos vídeos⁴.

Isso ocorre, uma vez que entendem, especialmente, que esses comentários os desrespeitam profissional e pessoalmente e aos internautas que estão ali para consumirem divulgação científica.

Como a análise ocorreu em diferentes momentos do desenvolvimento da tese e as narrativas audiovisuais podem receber comentários e respostas a eles continuamente, optamos por investigar as postagens realizadas até o dia 5 de abril de 2021, data em que fizemos a coleta dos dados após a escolha dos vídeos analisados⁵ em mimese II.

Para a investigação, utilizamos dois tipos de arquivos⁶ gerados pelo módulo *Video Info and Comments* (informações do vídeo e comentários), do software *YouTube Data*

⁴ Outras pesquisas também fizeram esta constatação, como a de Mattos (2020) que identificou que mulheres do *Science Vlogs Brasil* sofrem algum tipo de violência nos comentários acerca dos vídeos no YouTube, sendo uma atitude contra isso apagá-los manualmente.

⁵ Einstein NUNCA foi um cientista - Universo Narrado, ARQUEOLOGIA da série KINGDOM da NETFLIX - Arqueologia pelo Mundo, Evolução e dispersão dos HOMINÍDEOS (Parte 1: origem das espécies) (#Pirula 338.1) - Canal do Pirulla, CORONAVIRUS| Notícias da Garagem – Dragões de Garagem e DINO ZUMBI: parasitas de sangue e doença óssea grave atingia dinossauros – Colecionadores de Ossos.

⁶ Os arquivos não utilizados foram os com informações básicas e estatísticas sobre o vídeo, tais como título, data de publicação e número de visualizações, e o que gerava os dados sobre as interações de forma gráfica.

Tools: 1) contendo todos os comentários recuperáveis, tanto *top level* quanto de respostas⁷; e 2) apresentando os autores de comentários e o quanto eles comentaram.

Do primeiro arquivo, utilizamos os seguintes dados: número de respostas; número de “gostei”⁸; data de publicação dos comentários; nome do autor, anonimizado por nós⁹; texto dos comentários (*top level* e respostas)¹⁰; se é uma resposta; e nome anonimizado de quem foi respondido. Excluímos desta análise alguns dados por não agregarem significativo valor a esta pesquisa e por economia de espaço, sendo eles: ID do comentário; ID do canal do autor; URL do canal do autor; e ID do autor respondido.

Por sua vez, do segundo arquivo, utilizamos os dois dados gerados pelo *YouTube Data Tools*, a saber: autor, anonimizado por nós; e número de comentários (*top level* e respostas) que fez no vídeo. Ambos os arquivos foram transformados em tabelas¹¹ para cada canal.

Com os dados desses dois arquivos, buscamos explorar a recepção dos internautas sobre as narrativas audiovisuais analisadas, além de maneira mais específica, nos debruçarmos em identificar as intertextualidades entre arte e ciência promovidas por eles. Para tanto, fizemos a leitura dos comentários e das respostas a eles com base em Koch, Bentes e Cavalcante (2012), Koch (2018a) e Koch (2018b), tendo o auxílio das planilhas do Excel.

Dessa maneira, o Excel nos deu suporte para identificarmos nas narrativas audiovisuais os tópicos mais abordados e os comentários com mais “gostei” e respostas, pois eles geram conversações entre os internautas e/ou quem produz o vídeo. Da mesma maneira, algumas respostas dadas pelos cientistas youtubers aos internautas são analisadas, assim como descobrimos quem mais comenta e/ou responde os vídeos e as críticas e elogios feitos a eles.

⁷ Comentários *top level* ou de nível superior, em tradução livre, são os que aparecem primeiro na caixa de comentários do YouTube. Já as respostas são feitas clicando-se no ícone Responder, situado embaixo de cada um deles. O número de comentários que aparece em tal caixa se refere à soma de ambas as interações. Na análise que empreendemos nesta pesquisa, utilizamos apenas os termos comentários e respostas.

⁸ Apesar dos comentários terem a opção também de “não gostei”, a quantidade deles não aparece no YouTube. Por isso, focamos apenas no número de “gostei”.

⁹ Por finalidade ética, os nomes foram trocados pela palavra Internauta seguida de um número associado à ordem alfabética de seus nomes de usuário no YouTube, exceto no caso dos próprios cientistas youtubers, de seus vlogs, da Genera, laboratório que apoiou financeiramente o vídeo do Pirula, e de outros integrantes do *Science Vlogs Brasil* e de seus canais.

¹⁰ Optamos por manter a forma original dos comentários e respostas a eles, visto que nos interessa saber exatamente como as pessoas se expressaram a respeito dos vídeos assistidos no YouTube.

¹¹ Tais tabelas se encontram disponíveis em:

https://drive.google.com/drive/folders/1P_fCgcF9hHv3zxxkUVRmkjabXRgaaSdx?usp=sharing.

Nesta pesquisa, são investigados no total:

- 298 comentários e 59 respostas no Universo Narrado (22 comentários receberam ao menos uma resposta);
- 52 comentários e 23 respostas no Arqueologia pelo Mundo (15 comentários receberam ao menos uma resposta);
- 4 297 comentários e 1 329 respostas no Canal do Pirulla (341 comentários receberam ao menos uma resposta);
- 12 comentários e 7 respostas no Dragões de Garagem (3 comentários receberam ao menos uma resposta);
- 273 comentários e 76 respostas no Colecionadores de Ossos (53 comentários receberam ao menos uma resposta).

Dentre os resultados obtidos, identificamos que os elogios, em especial à narrativa audiovisual, são o único tópico mais abordado pelos internautas encontrado nas cinco caixas de comentários do YouTube examinadas por nós. Isso nos leva a crer que o diálogo entre arte e ciência presente em tais narrativas possa ter contribuído para que as pessoas gostassem do que assistiram. Algumas dessas pessoas afirmam que determinadas narrativas são obras-primas/de arte ou pedem que os cientistas youtubers produzam mais vídeos assim, do ponto de vista de forma e/ou de conteúdo, chegando a classificá-los, entre outros, como mais palatáveis e atrativos.

Outro tópico recorrente na maior parte dos canais, e que pode estar presente junto ao anterior, são os comentários acerca do que é exibido no vídeo e/ou do assunto tratado nele. Neste ponto, encontramos diversos cruzamentos intertextuais entre arte e ciência.

Os intertextos localizados nas caixas de comentários dos vídeos analisados são de dois tipos: 1) trazidos da narrativa audiovisual (internos); e 2) percebidos ou lembrados pelas pessoas ao terem contato com esta (externos). Em síntese, em geral no primeiro tipo, elas fazem sua leitura sobre o que foi dito, expressando o que entenderam ou opinando a respeito. Por sua vez, no segundo, elas mencionam tais intertextos, como filmes, por motivos variados, sendo exemplos disso fazer comparações com o que assistiram ou indicarem conteúdos semelhantes.

É digno de nota que encontramos críticas em alguns dos canais e verificamos que elas, geralmente, são baseadas em opiniões pessoais dos internautas que consideram algum aspecto técnico do vídeo como não sendo o ideal, como a fala rápida ou lenta de quem o apresenta. Em todos esses canais, o número de elogios supera expressivamente o de críticas, sendo que, em determinados casos, ambos estão presentes em um mesmo comentário.

Diante do exposto, a mimese III evidencia a cultura participativa do YouTube. Portanto, comentar e/ou responder a comentários nos vídeos e demonstrar reações como “gostei” são algumas maneiras de os internautas participarem da narrativa audiovisual, interagindo entre si e/ou com os produtores de conteúdo.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, C. A.; SANT’ANA, G. A. C. A tríplice mimesis como inspiração metodológica para a análise de produtos culturais. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 227-250, 2013.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018a.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018b.

MATTOS, C. G. **A mulher como divulgadora da ciência: um estudo da inserção feminina no Science Vlogs Brasil**. 2020. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica) – Programa de Pós-Graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa: Tomo I**. Campinas: Papyrus, 1994.

TUMA, A. B. C. **Narrativas audiovisuais de cientistas youtubers: intertextualidades entre arte e ciência na divulgação científica**. 2022. 330 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-08072022-101527/pt-br.php#referencias>. Acesso em: 09 jul. 2022.

VILLAVERDE, M. A. **Paul Ricoeur: a força da razão compartilhada**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.